

# ANÁLISE COMPARATIVA: PAULO FREIRE E HOWARD GARDNER<sup>1</sup>

Marco Martiliano da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** Na educação escolar, o desafio geral parece ser o de fazer da escola algo de profundamente relevante para a vida, seja para o desenvolvimento profissional, para o prosseguimento dos estudos acadêmicos com vistas ao avanço do conhecimento humano sistematizado, seja para o exercício mais amplo da cidadania. Em outras palavras, estabelecer relações claras, e ao mesmo tempo complexas, entre o conhecimento escolar e a realidade do educando. É quando percebemos essa proximidade essencial dos problemas das sociedades modernas, ditas globalizadas ou mundializadas, que se nos tornam claras relações entre pensadores tão aparentemente díspares como Howard Gardner e Paulo Freire. É a busca dessas relações entre o pensamento de ambos o objetivo central desse trabalho.

**PALAVRAS CHAVES:** Gardner, Freire, Didática, Educação.

**ABSTRACT:** *In school education, the general challenge seems to be the to make the school something deeply relevant to lifes, whether for professional development, for the pursuit of academic studies with a view to the systematic advancement of human knowledge, either to exercise the broadest citizenship. In other words, establish clear relationships, while complex, between the school and knowledge of student. It's when actually we realize that proximity essence of the problems of modern societies, said global, that we make clear relationship between thinkers as apparently disparate as Howard Gardner and Paulo Freire. It is the seek of these relations between the thinking of both the central objective of this work.*

**KEY WORDS:** Gardner, Freire, Didatics, Education

## I. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

No planeta mundializado, cujas origens costumam ser indicadas no período dos achamentos ou descobrimentos renascentistas, os problemas das civilizações parecem ser *essencialmente* os mesmos: como alcançar a justa distribuição dos bens culturais e materiais produzidos pela humanidade, estabelecer uma democracia eficaz, atingir o convívio pacífico entre os membros de uma comunidade e entre os povos.

---

<sup>1</sup> Trabalho originalmente apresentado à disciplina Didática do Ensino Superior, como parte das atividades referentes ao curso de pós-graduação em Gestão Escolar, *lato sensu*, no ano de 2007.

<sup>2</sup> Mestre em Literatura Brasileira pela UNESP.

Assim, a importância dos pensadores modernos deve ser buscada menos na particularidade, na originalidade dos problemas que apontam, do que na capacidade de projetar soluções e explicações para o modo como os problemas das civilizações modernas, em essência os mesmos, colocam-se no contexto específico de suas nações.

No caso da educação escolar, o desafio geral parece ser o de fazer da escola algo de profundamente relevante para a vida, seja para o desenvolvimento profissional, para o prosseguimento dos estudos acadêmicos com vistas ao avanço do conhecimento humano sistematizado, seja para o exercício mais amplo da cidadania. Em outras palavras, estabelecer relações claras, e ao mesmo tempo complexas, entre o conhecimento escolar e a realidade do educando.

É quando percebemos essa proximidade essencial dos problemas das sociedades modernas, ditas globalizadas ou mundializadas, que se nos tornam claras relações entre pensadores tão aparentemente díspares como Howard Gardner e Paulo Freire. Com efeito, talvez o ponto de aproximação mais básico entre ambos resida no fato de que, cada um com os olhos voltados para o seu contexto, tenha alcançado formulações e propostas no sentido de tornar a educação escolar algo efetivamente relevante para a vida.

É a busca dessas relações entre o pensamento de ambos o objetivo central desse trabalho, e neste ponto cabe uma ressalva: embora, originalmente, tenha sido proposta a realização dessa aproximação especificamente quanto às *didáticas* dos pensadores em foco, tomei a liberdade de considerar outros aspectos na análise, até porque, conforme se pode depreender mesmo de um breve contato com o pensamento de ambos, o trabalho do educador ou pensador da educação é algo tão complexo que, em certa medida, é impossível dissociar o homem do seu ofício, sua vida de sua obra, na medida em que o pleno educador é o resultado de todas as dimensões humanas – moral, social, política, psíquica, biológica, mística etc.

De qualquer modo, é preciso confessar aqui minha impossibilidade de empreender uma análise específica da didática de dois pensadores tão complexos como Freire e Gardner, dada a relativa escassez do meu conhecimento do conjunto da obra de ambos.

Assim, embora a comparação ora proposta tome como subsídios, sobretudo, o pensamento teórico mais sistematizado de ambos sobre a educação, lançará também mão de elementos biográficos, posições políticas etc.

---

Uma última observação: tendo em vista as fontes utilizadas nessa análise – não diretamente os textos dos autores-objeto, mas paráfrases destes (ver *Bibliografia*) - as citações não aparecerão *transcritas* no texto da mesma, mas *parafraseadas*; de qualquer modo, as “falas” de Freire e Gardner poderão ser localizadas pelo uso do itálico, até porque os conceitos aqui trabalhados serão os mais conhecidos desses autores.

## II. FREIRE: O PENSADOR MILITANTE

O primeiro ponto de contato entre Freire e Gardner poderia ser apontado em algo imprevisto: a natureza de suas formações profissionais; nenhum deles tem formação especificamente voltada para o magistério (o primeiro é bacharel em Direito e o segundo, graduado em neurologia e psicologia).

Nesse dado aparentemente casual, creio residir um importante aspecto do pensamento educacional moderno: o de que ele não é e nem deve ser tarefa apenas de licenciados, pedagogos e outros especialistas em educação, mas de todos os membros da sociedade, uma vez que da eficácia educacional depende, direta ou indiretamente, o sucesso de todos os segmentos profissionais.

Com efeito, penso que o aspecto negativo da especialização exacerbada, exigida pelas organizações tecnicistas de inspiração norte-americana, no caso das questões pedagógicas, é o de torná-las intelectualistas demais, distanciando do debate boa parte das riquíssimas contribuições dos profissionais das demais áreas e, mais ainda, daqueles com grau instrucional mais básico, como tantas vezes é o caso dos membros das comunidades escolares mais carentes.<sup>3</sup>

Quanto a Gardner, a causa da educação foi por ele abraçada no âmbito de sua própria formação, conforme veremos mais adiante. Já no caso de Freire, embora nunca tenha exercido profissionalmente a advocacia, é impossível não perceber, no devotamento e na paixão com que se dedicou à educação, mas especialmente na competência com que levou

---

<sup>3</sup> Evidentemente, não quero sugerir com isso que os espaços específicos de produção de conhecimento educacional não tenham sua legitimidade. Pelo contrário, é justa e necessária a existência desses espaços próprios, mas desde que eles não se instaurem em “catedrais” intocáveis e surdas à percepção dos membros de outros espaços de conhecimento, e especialmente dos sem nenhum espaço, sobre o problema.

---

isso a cabo, uma espécie de defesa da escola, particularmente da escola pública, digna da mais brilhante performance advocatícia. Sintomático disso é a luta por ele travada no conturbado período ditatorial, chegando a ser exilado em razão da sua militância por uma educação emancipatória.

Nesse sentido, cabe frisar aqui a concepção de Freire sobre educação; no entender do mestre, *a educação não é neutra, mas ato político*, resultando dela relação de domínio ou liberdade, uma vez que há sim uma *tensão entre burguesia e proletariado*, por mais camufladas que estejam as manifestações dessa tensão.

É o que leva Freire, em suas postulações didáticas, a preconizar um intenso e contínuo *diálogo* entre professor e aluno, pois só desse modo seria possível superar ou minimizar as conseqüências do uso ideológico que via-de-regra se tem feito do discurso escolar. Ideológico, uma vez que a educação escolar tradicional tem sido concebida como uma *educação bancária*, por meio da qual o professor, reproduzidor e porta-voz da ideologia do sistema, *deposita* no aluno concepções dogmáticas e portanto fechadas a qualquer questionamento, uma vez que, travestidas em “ciência” endossada pela instituição escolar, põem-se a figurar como verdades absolutas.

Nessa situação, se a escola não pretende ou não se faz capaz de incorporar o diálogo como elemento central e mesmo indissociável de todo o processo de ensino-aprendizagem, é inevitável a *alienação* de todos os envolvidos no processo, porque passam a conceber a ciência e o conhecimento escolar em geral como instituições completamente alheias ao ser humano, *para além* deste ser. E o resultado disto é desastroso: a incapacidade de proceder a uma *leitura crítica do mundo*.

Coerente com essa concepção, segundo a qual o saber escolar tem de ser trabalhado como algo construído por seres humanos, e que deve continuar a ser reconstruído cotidianamente por todos os envolvidos no processo, Freire concebe o professor não como um mero transmissor, mas como um *provocador*, como um *animador cultural*, capaz da façanha de fazer o educando ver o encanto do conhecimento não na sua suposta infalibilidade, mas justamente na possibilidade de ser ele reinventado a partir de cada contexto, de cada novo problema que se apresenta.

Por esse motivo, há nas postulações freireanas uma constante e intensa *preocupação com a própria formação docente*; mais do que questionar a escola secundária, nosso

---

mestre, derrubando mitos também aqui, questiona a própria instituição universitária como espaço de produção do conhecimento: até que ponto tal instituição estaria preparando profissionais aptos a empreender o trabalho escolar como um ato também de *recriação* do conhecimento sistematizado?

Outra condição fundamental à eficácia da educação escolar, no entender de Freire, é o estabelecimento de um *ambiente de trocas*, na medida em que, se a educação escolar deve servir para a solução de problemas efetivos, é imprescindível a colaboração de todos os envolvidos no processo, cada um colocando a sua percepção desses problemas. É o que o leva a postular que *ninguém ensina nada a ninguém, mas ninguém aprende sozinho*, uma vez que a percepção mais abrangente da realidade só pode ser alcançada no trabalho coletivo, dadas as inevitáveis limitações das visões individualizadas.

Como uma espécie de síntese de todo o seu pensamento sobre a função da educação escolar, e revelando-se aqui toda a atualidade desse pensamento, Freire só acredita na escola que se pretenda e se faça *cidadã*, ou seja, capaz de preparar a criança para *tomar decisões*, e decisões que se façam significativas para a sua realidade, o que exige da escola um *projeto pedagógico que reconheça a cultura local* como fonte e espaço legítimo de aplicação, produção e recriação de conhecimentos.

O único ponto da didática freireana que tem merecido ressalvas, por parte de educadores e pensadores educacionais, é o seu método das *palavras geradoras*, o qual estaria ultrapassado como técnica de alfabetização. Sem pretender entrar aqui no mérito técnico da questão – até porque minha formação não permitiria isso –, penso contudo que o princípio geral de tal método está em completa sintonia com o pensamento educacional mais atual: a *valorização do contexto, da realidade do aluno*.

Com efeito, dada a complexidade implicada no estabelecimento de modelos e parâmetros escolares, se quisermos colocar a escola em sintonia com a realidade do aluno, devemos começar de coisas básicas, como o próprio repertório lexical empregado na criação e análise de textos (expressões, enunciados de problemas matemáticos, sintáticos, históricos etc.), incorporando aí termos e situações nas quais o aluno possa visualizar a sua realidade como legítima “personagem” do espaço escolar.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> É irresistível não referir aqui uma minha experiência muito feliz nesse sentido: ao propor enunciados para análise, tenho tido o cuidado de, além daqueles fornecidos pelo livro

---

Talvez a partir daí nos coloquemos um pouco mais no caminho idealizado por Freire, para quem, *mais do que ler palavras*, a criança precisa estar apta a *ler o mundo*.

### III. GARDNER: A CIÊNCIA A SERVIÇO DA MUDANÇA

Ao contrário de Freire, Gardner não costuma explicitar em seus escritos posicionamentos políticos. Entretanto, é impossível não vislumbrar em suas postulações, se colocadas em prática, uma efetiva contribuição para o aprimoramento não só da educação escolar, mas da sociedade como um todo. Vejamos como isso se dá.

Já na problematização de que deriva sua principal contribuição à prática escolar, está claramente implícita uma crítica ao descompasso da escola em relação à sociedade modernizada: *valorizando tradicionalmente apenas as habilidades lingüística e matemática*, a escola ignora a multiplicidade de conhecimentos implicada nos processos de produção atuais, bem como nas próprias relações sociais mais abrangentes.

E é justamente da constatação dessa visão escolar reducionista, para quem “inteligente” é apenas o educando capaz de se expressar bem e/ou de dominar todas as fórmulas matemáticas, que emergirá a principal contribuição de Gardner para o aprimoramento da Escola: a *teoria das inteligências múltiplas*.

Nessa teoria, Gardner nos ensina que há *um espectro de inteligência a comandar a mente humana*, elemento este do qual *todos* seríamos dotados. Potencialmente, conteria esse aspecto não apenas as duas clássicas – lógico-matemática e lingüística -, mas *sete inteligências*.

Com isso, Gardner desmistifica de vez o conceito de inteligência como um dote especial, quase sobrenatural ou divino, na medida em que não só amplia o universo das habilidades a serem incluídas nesse conceito, mas descreve a própria gênese do *espectro*

---

didático que utilizamos, fornecer outros, por nós criados a partir da observação dos diálogos e conversas grupais mantidos pelos educandos – assim, os personagens desses enunciados são os próprios alunos, seus animais de estimação, familiares etc., e as situações, fragmentos de sonhos e outras histórias que ouço trocarem entre si. Para além de diverti-los, tenho percebido uma sensível mudança de postura dos alunos em relação ao conhecimento impresso no livro, pois, mesclado às suas realidades, esse conhecimento tem sido visto por eles como algo menos distante e dogmático do que até então lhes parecia.

---

responsável pelo comando de tais habilidades: *uma conjunção de elementos e fatores neurológicos, psicológicos, sociológicos, emocionais*; na medida em que todos os humanos disporiam desses elementos e fatores, e portanto desse “comandante” de inteligências que, potencialmente, todos nós também possuiríamos, Gardner democratiza decisivamente o até agora restrito e elitizado universo dos “inteligentes”.<sup>5</sup>

Mais ainda, para não deixar dúvida sobre a *inteligência* como propriedade ao alcance de todos, Gardner explicita: *as competências cognitivas são educáveis*. Ainda nesse sentido, mesmo reconhecendo que os seres humanos sejam predispostos a operações intelectuais específicas, nosso pensador ressalva que *é a cultura que examinará, que validará o desenvolvimento e implemento de competências*.

Entretanto – e aqui Gardner revela o papel fundamental da escola no processo -, para desenvolver determinadas inteligências, não basta ao aluno *ter aulas* sobre as habilidades relacionadas a cada inteligência; mais do que isso, *é necessário que o aluno pense sobre o que faz e que esteja em situação de criação ou de resolução de problemas*.

Nesse ponto, Gardner vai ainda mais longe em sua reorientação desmistificadora do conceito-chave que trabalha: a não ser que aplicadas a situações práticas, não se poderia nem mesmo falar em *inteligência*, uma vez que, no seu entender, *as inteligências só se manifestam diante de problemas*.

Conseqüentemente, a educação como mera reprodução e assimilação acrítica de teorias – que Freire chama de *bancária* – perde toda sua finalidade, uma vez que nenhum papel teria na efetivação da *inteligência* que o aluno, aliás, já traz potencialmente em *espectro* para o espaço escolar.

Por outro lado, Gardner lembra também que, enfim, se *as inteligências são múltiplas*, e se *ninguém pode desenvolver todas as inteligências* que aponta, torna-se fundamental o trabalho de equipe, se o que se tem em mente é uma resolução eficaz dos problemas a serem enfrentados. Entretanto, não se leia aí nenhuma espécie de minimização da responsabilidade do indivíduo; pelo contrário, nosso pensador adverte que, nas decisões curriculares, no que concerne às estratégias, deve-se buscar antes de tudo a otimização das

---

<sup>5</sup> Gardner manifesta inclusive sua convicção de que, gradativamente, as ciências biológicas venham a explicar completamente a natureza, a variedade e a estrutura das inteligências que elenca.

---



potencialidades de cada aluno, sendo que a equipe escolar, considerando a sua realidade, deve decidir: *jogar a partir dos pontos fortes, amortecer os fracos ou os dois caminhos?*

#### IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o primeiro contato com Freire e Gardner nos faz pensar em distâncias – geográficas, cronológicas, sociais, instrucionais, culturais enfim -, saímos de uma leitura um pouco menos apressada de ambos com a nítida impressão de que, de algum modo, estabelece-se entre eles uma profunda sintonia. Não simplesmente a sintonia de trabalhos que se endossam e se repetem, mas que dialogam e se complementam numa mesma e bem definida direção.

Assim, Freire na própria linha de combate – dada sua intensa atuação política -, e Gardner no meio acadêmico, fornecem as bases para uma renovação e aprimoramento do trabalho escolar, no sentido de fazer da Escola um espaço efetivamente democrático, no qual todas as *inteligências* devem ter espaço, bem como relevante para a vida, capaz de abolir de sua prática a improfícua *educação bancária* que lhe tem caracterizado.

No alcance desses objetivos, ambos estabelecem caminhos similares: a valorização da realidade do aluno – que só assim seria capaz de desenvolver as *inteligências* que lhe são potenciais enquanto ser humano (Gardner), passando a reconhecer a *cultura local* como legítimo objeto do conhecimento escolar (Freire); o trabalho em equipe, - visto que *ninguém aprende sozinho* (Freire) e só a conjunção das *inteligências* individuais (Gardner) pode dar conta da complexidade implicada nos problemas concretos a serem solucionados; a abolição da aula como transmissão estéril de teorias – como *educação bancária* em síntese (Freire), já que só *contato com problemas concretos* (Gardner) possibilitaria o desenvolvimento das *inteligências* pontuais.

Evidentemente, haveria outros tantos pontos de aproximação ou mesmo de distanciamento entre dois pensadores tão complexos como Freire e Gardner. Pontos estes impossíveis de abarcar num trabalho como esse.

Entretanto, as reflexões aqui empreendidas, acredito, fornecem elementos, ainda que mínimos, para que se possa empreender uma leitura comparativa desses dois pensadores

---



tão complexos, e por isso mesmo tão atuais e em sintonia com essa nossa tão multifacetada sociedade contemporânea.

---

## **BIBLIOGRAFIA**

FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994

FREIRE, Paulo. O importante é ler o mundo. *Nova Escola*, mar/abr, 1999, p. 24

GARDNER, H. Valorizando o ser por inteiro. *Nova Escola*, jan/fev,2001, p. 23

MORIN, Edgard. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez,  
2000

---